

## 7.24.

### **Título:**

**A qualidade do ensino superior sob a ótica da comunidade**

### **Autor/a (es/as):**

Pedroso, Maisa Beltrame [Universidade do Vale do Rio dos Sinos]

Rocha, Maria Aparecida Marques da [Universidade do Vale do Rio dos Sinos]

Pinheiro, Monalisa da Silva [Universidade do Vale do Rio dos Sinos]

Flores, Silvana da Saúde Folis [Universidade do Vale do Rio dos Sinos]

### **Resumo:**

Este trabalho tem por objetivo analisar a qualidade do ensino superior através de um recorte específico que procura perceber a visão da comunidade sobre os profissionais formados na universidade. Para compreensão da qualidade do ensino na perspectiva da comunidade, fomos buscar entender que concepções de qualidade de educação superior estão presentes nas representações dos gestores de diferentes áreas. Caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, onde foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dez interlocutores, sendo estes: um da área de Assistência; três da Saúde; dois da Educação; um de Recursos Humanos; um Sindicalista; um da Cultura e um dos Direitos Humanos, na perspectiva de pensar a comunidade como mais um segmento que contribui na compreensão do fenômeno da qualidade do ensino de graduação e no marco conceitual da relação ensino e pesquisa. O referencial teórico que fundamentou as reflexões foi baseado em autores, como: Freire, Sousa Santos, Tardif, Kuenzer, Rios, Arroyo, Cunha, entre outros. Os desafios de uma sociedade em contínua mudança apresentam novas exigências, tanto para as instituições de ensino, quanto às organizações que recebem o aluno, e reclamam respostas adequadas, tanto no nível das práticas, como no nível da investigação. Os questionamentos problematizavam aspectos importantes tentando perceber possíveis diferenças entre o trabalho desenvolvido por profissionais de nível técnico e superior, como também, a dimensão investigativa como parte do cotidiano do trabalho desenvolvido por esses profissionais, as possibilidades de ações conjuntas com a própria universidade e sua aproximação com a comunidade. Na análise, destacam-se preliminarmente algumas considerações significativas, como: a importância da formação superior, a qualificação e o aperfeiçoamento constante do profissional, sua interação com a comunidade, e, também, a inserção da Universidade na comunidade na tentativa de cumprir com o seu papel social. Para os gestores, nas práticas educativas que se proponham a inovar existe sempre uma tensão entre a

proposta e a sua execução. Para eles, o domínio do conhecimento instrumentaliza as relações de poder e, na medida em que o aluno se apropria desse conhecimento, potencializa suas formas sociais de intervenção, contribui para a formação da identidade subjetiva do sujeito. A comunidade identifica que os sujeitos que perfazem o caminho do ensino e da pesquisa se tornam mais qualificados para o desempenho de seu trabalho. Salienta-se a importância de ouvir os gestores de instituições que recebem os profissionais formados pelas Universidades. Estes profissionais desenvolvem seu trabalho na e para a sociedade, sendo atores importantes para analisar como esta relacionada ou não a integração do ensino com o trabalho.

### **Palavras-chave:**

Ensino. Qualidade. Pesquisa. Universidade. Comunidade.

Este trabalho tem por objetivo analisar a qualidade do ensino superior através de um recorte específico que procura perceber a visão da comunidade sobre os profissionais formados na universidade. Para compreensão da qualidade do ensino na perspectiva da comunidade, fomos buscar entender que concepções de qualidade de educação superior estão presentes nas representações dos gestores de diferentes áreas.

Caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, onde foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dez interlocutores, sendo estes gestores de diferentes áreas de atuação, como: um da área de Assistência; três da Saúde; dois da Educação; um de Recursos Humanos; um Sindicalista; um da Cultura e um dos Direitos Humanos, na perspectiva de pensar a comunidade como mais um segmento que contribui na compreensão do fenômeno da qualidade do ensino de graduação e no marco conceitual da relação ensino e pesquisa.

Os questionamentos problematizavam aspectos importantes tentando perceber possíveis diferenças entre o trabalho desenvolvido por profissionais de nível técnico e superior. Também, tentou-se questionar a importância da dimensão investigativa como parte do cotidiano do trabalho desenvolvido por esses profissionais, as possibilidades de ações conjuntas com a própria universidade e sua aproximação com a comunidade.

Neste sentido, algumas dimensões iniciais orientaram o roteiro das entrevistas, na perspectiva de buscar compreender principalmente: que concepção (ões) de qualidade de educação superior estão presentes nas representações de diferentes segmentos da comunidade? E nas Instituições? Há contradições entre essas representações? Como se apropriam dessas informações? Como percebem (ou não) se a dimensão da pesquisa faz diferença na formação acadêmica? Demonstrem alguma apropriação do papel da formação inicial e da educação superior como um todo? Reconhecem, na formação, as dimensões do processo e de produto? Desenvolvem iniciativas próprias de formação?

Com que objetivo? Consideram importante interagir com a universidade na definição de qualidade? Estariam dispostos a ações conjuntas? Que indicadores apontam para explicitar a qualidade da formação realizada na educação superior?

Importante salientar que o foco deste estudo foi identificar, nas falas dos interlocutores, a qualidade do ensino de graduação. Assim, o referencial teórico que fundamentou tais reflexões está baseado em autores, como: Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos, Maurice Tardif, Terezinha Rios, Maria Isabel da Cunha, Miguel Arroyo, sem detrimento de outras contribuições. Estes autores nos ajudaram a perceber a importância da contextualização e do sentido dos saberes desenvolvidos pela universidade, a relação com a comunidade e suas interfaces com o mundo do trabalho.

Nesse sentido, o trabalho em equipe, a troca de diferentes saberes, a interação entre as diversas áreas do conhecimento, os grupos de estudos, os diferentes olhares, são fundamentais para o fortalecimento de ações mais integradas e transversalizadas. São essas ações que geram um movimento significativo que acabam refletindo nos processos de trabalho e na interlocução com a comunidade.

Também, podemos resgatar as contribuições de Tardif (2002) quando defende que o saber não se reduz, exclusiva ou principalmente, a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e alunos. Para ele é importante “situar o saber do professor na interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo” (p.16).

Para o autor o saber é plural, heterogêneo, é temporal, pois se constrói durante a vida e no decurso da carreira, portanto, é personalizado, situado. Tardif apresenta os quatro saberes que constroem a profissão docente: o saber oriundo da formação profissional (o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores); os saberes disciplinares (saberes que correspondem ao diverso campo do conhecimento e emergem da tradição cultural); os curriculares (programas escolares) e os experienciais (do trabalho cotidiano). O que exige do professor capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condição para sua prática, transmitindo uma idéia de movimento, de construção, de constante renovação, de valorização de todos os saberes e não somente do cognitivo.

Reconhecendo a pluralidade e a heterogeneidade do saber docente, Tardif destaca a importância dos saberes da experiência que surgem como aquele que surge na e pela prática, validados pelo professor e acoplados na constituição de seu profissionalismo e que são “como núcleo vital do saber docente, a partir do qual os professores transformam suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática” (p.234). Nesse sentido “os saberes da experiência não são saberes como os demais, eles são, ao contrário, formados de todos os demais” (p. 234).

Assim, reforça a idéia de que as escolas devem se tornar lugares de formação, de inovação, de experiência e de desenvolvimento profissional, mas também, lugares de pesquisa e de reflexão crítica.

Nesse sentido, o desafio que se apresenta, tanto para a Universidade quanto para o mundo do trabalho, está em romper com lógicas verticalizadas, rígidas e individuais que dificultam o diálogo e a aproximação com os diferentes sujeitos. Assim, poderíamos questionar alguns elementos referentes à formação dos profissionais na Universidade, como por exemplo: a estrutura curricular valoriza o trabalho em equipe? Como estamos formando os nossos profissionais? Como a Universidade dialoga com a comunidade?

Para Souza Santos (2004) é importante “a criação de um vínculo político orgânico entre a universidade e a sociedade que ponha fim ao isolamento da universidade que nos últimos anos se tornou anátema” (p. 75). Desta forma, provocando uma abertura da universidade de modo a promover o diálogo com a multiplicidade de saberes produzidos na sociedade, ou seja, “obrigar o conhecimento científico a se confrontar com outros conhecimentos para, assim, rebalancear aquilo que foi desequilibrado na primeira modernidade, a relação entre ciência e prática social” (p.75).

No momento em que questiona o papel da universidade Sousa Santos (2010, p. 76) defende a idéia de um movimento de fora para dentro. Então, podemos também fazer uma relação com o que diz a respeito da “ecologia de saberes”, que para ele consiste,

*na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental etc.) que circulam na sociedade. [...] Começa a ser socialmente perceptível que a universidade, ao especializar-se no conhecimento científico e ao considerá-lo a única forma de conhecimento válido, contribui ativamente para a desqualificação e mesmo destruição de muito conhecimento não científico e que, com isso, contribui para a marginalização dos grupos sociais que só tinham ao seu dispor essas formas de conhecimento.*

Também, Sousa Santos colabora quando nos faz pensar sobre alguns movimentos inversos, como, por exemplo, a importância do aprendizado que ocorre no cotidiano dos processos de trabalho. É o reconhecimento do espaço de trabalho como um espaço que constrói conhecimento. É a interlocução entre os diferentes sujeitos, o respeito pelos diferentes conhecimentos e saberes. Ecologia de saberes enquanto um conjunto de práticas que promove uma nova convivência ativa de saberes com o pressuposto de que todos eles enriquecem o diálogo, incluindo o saber científico. E, complementa justificando:

*Implica uma vasta gama de ações de valorização, tanto do conhecimento científico, como de outros conhecimentos práticos, considerados úteis, cuja partilha por pesquisadores, estudantes e grupos cidadãos serve de base à criação de comunidades epistêmicas mais amplas que convertem a universidade num espaço público de interconhecimento onde os cidadãos e os grupos sociais podem intervir sem ser exclusivamente na posição de aprendizes (SOUSA SANTOS, 2010, p.77).*

A pesquisa está possibilitando pensar, também, em outros movimentos interessantes, como por exemplo, a importância do aprendizado que ocorre no cotidiano dos processos de trabalho, isto é, a interlocução entre os diferentes sujeitos, a troca, o diálogo e o respeito pelos diferentes conhecimentos e saberes. Como podemos verificar no relato de um de nossos entrevistados: *as nossas duas horas são de estudo, estamos discutindo a inclusão, temos vários casos de inclusão. Lá então nós pegamos como referência um livro, os professores se organizaram em grupos, cada grupo leu um capítulo, fez a apresentação, então fizemos um seminário, e depois teve que escrever sobre, aproximando com sua prática, este é um movimento que está acontecendo hoje lá. Desta forma, o diferencial começou a se dar no momento que nós conseguimos parar para estudar, garantir horário para estudo, horário para planejamento coletivo.*

Podemos enriquecer este debate trazendo as contribuições de Kuenzer (1999), que afirma que há necessidade de apropriação, pelos que vivem do trabalho, como condição para a sua sobrevivência, de conhecimentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos, com particular destaque para as formas de comunicação e de organização e gestão dos processos sociais e produtivos.

Percebemos que se faz importante estabelecer outras relações com o conhecimento contemplando conteúdos e formas metodológicas como alternativas. Pelas inúmeras diferenças culturais, e diferentes camadas das classes trabalhadoras e intelectuais, formando as sociedades brasileiras.

Nesta perspectiva é que estamos pensando a Universidade, como um espaço público de interconhecimentos e de aproximação com a comunidade. A importância da constituição de espaços que valorize os diferentes profissionais, suas caminhadas no sentido de agregar e construir conhecimentos. Pois, como afirma um de nossos interlocutores: *ainda somos formados compartimentalizados, nós não somos formados sobre uma ótica de equipe multiprofissional.*

Considerando a importância do trabalho coletivo na busca da consolidação de espaços mais democráticos e na constituição de sujeitos mais críticos e autônomos é que podemos trazer, também, para esta reflexão as contribuições de Paulo Freire. O autor acredita que através o diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo (1987, p. 78), é o *empoderamento* do sujeito e, sendo assim, é que se questiona o papel da Universidade, com o compromisso de potencializar o diálogo e a autonomia dos sujeitos.

Isto porque, para Freire a autonomia é a experiência da liberdade, é um processo de decisão e de humanização que se vai construindo historicamente. Ninguém é autônomo primeiro para depois aprender a decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de inúmeras decisões que vão sendo tomadas (FREIRE, 1996, p. 120). A autonomia, como amadurecimento do ser para si, é um processo, é vir a ser (FREIRE, 2000, p.121).

A autonomia se constrói. Está articulada aos conceitos de democracia, sujeito e liberdade. Tomando esses pressupostos, é possível questionar: como pensar a formação deste profissional? E sua atuação no mundo do trabalho? É um profissional que reflete sobre suas ações e reconhece nelas a importância de cumprir com mais qualidade e com responsabilidade?

Desta forma, salienta-se a importância de ouvir os gestores de diferentes instituições que, por sua vez, recebe os profissionais formados pelas Universidades. Estes profissionais desenvolvem seu trabalho na e para a sociedade, entretanto, se deseja analisar como está relacionada ou não a integração do ensino com o trabalho.

Na formação do profissional esta integração é fundamental, mas percebem-se as inúmeras dificuldades que acabam inviabilizando esta proposta no decorrer de sua formação. Neste sentido, o trabalho se torna algo muito distante do estudante em formação. Muitas vezes, o currículo proposto pelas Universidades distancia e fragmenta ainda mais as atividades de reflexão teórica da prática, o que fragiliza o seu processo de formação.

Entretanto, observa-se que atualmente existem muitos esforços para a superação desta lógica conservadora e podemos reconhecer alguns destes esforços que estão sendo promovidos na estrutura curricular de algumas Universidades, como por exemplo, as práticas e a sua carga horária, aspectos que podem ser positivo na relação que se estabelece entre universidade e a comunidade que recebe esse aluno, como podemos identificar no relato a seguir: *acho que é sempre boa, eu tive aqui um estagiário aqui na escola, ele também estava fazendo as praticas que era o estágio. E foi muito boa a relação dele com os alunos, muito boa e eu acho isso importante eu ter esse contato com esses professores, eles parecem que são mais próximos. Não é como um professor que nem eu, com muitas manias, muitos vícios, que de repente a gente não acompanha o pensamento dos alunos que tão chegando agora, outro jeito de pensar, então eu acho legal a relação.*

A Universidade, atualmente, tem inúmeros desafios, pois além de promover o trabalho coletivo, deve também, buscar a consolidação de espaços mais democráticos na constituição de sujeitos mais críticos e autônomos. Nesse sentido, busca-se compreender como os saberes adquiridos na Universidade contribuem na efetivação de um trabalho qualificado e diferenciado? Como a Universidade é percebida pela sociedade no que tange a responsabilidade nas ações realizadas por estes profissionais

nos diferentes espaços profissionais? Qual a dimensão da pesquisa e da extensão nos diferentes setores desta sociedade?

Diante dessas inúmeras questões é que precisamos refletir como está se constituindo o ensino na Universidade. A partir da compreensão de diferentes atores e áreas profissionais poderemos vislumbrar novas relações e novas possibilidades, na perspectiva de relacionar os desdobramentos do ensino universitário com a cultura da comunidade e sua inserção social.

Assim, a partir destas reflexões iniciais é que as entrevistas foram agrupadas em um quadro analítico e delineando as seguintes categorias de análise: saberes, excelência profissional, relações interpessoais, integração ensino/trabalho, articulação ensino/pesquisa, desenvolvimento profissional contínuo, percepção da comunidade e papel da Universidade.

A análise está sendo baseada nos princípios da análise de conteúdo (BARDIN, 2009) e destacam-se preliminarmente algumas considerações significativas, como: a importância da formação superior, a qualificação e o aperfeiçoamento constante do profissional, sua interação com a comunidade, e, também, a inserção da Universidade na comunidade na tentativa de cumprir com o seu papel social.

Para os gestores, nas práticas educativas que se proponham a inovar existe sempre uma tensão entre a proposta e a sua execução. Referem que *a universidade tem um papel fundamental na construção de uma nação, ela produz saberes e saber é poder, então nós temos que aproximar cada vez mais a universidade do poder, dessa relação dialética com o conhecimento e poder da população, e com o conhecimento que passa nas instituições*. Para eles, o domínio do conhecimento instrumentaliza as relações de poder e, na medida em que o aluno se apropria desse conhecimento, potencializa suas formas sociais de intervenção, contribui para a formação da identidade subjetiva do sujeito.

A comunidade identifica que os sujeitos que perfazem o caminho do ensino e da pesquisa se tornam mais qualificados para o desempenho de seu trabalho. Referem que *os desafios colocados aos profissionais implicam em expectativas constantes a serem atingidas. Exercitar a curiosidade, nesses casos, é uma obrigação*.

Também, identifica-se nos relatos à importância do desenvolvimento contínuo dos profissionais nas diferentes áreas, pois, de certa forma, acaba sendo uma necessidade constante que se incorpora nas rotinas do trabalho: *“(...) na realidade a área da saúde, pelo menos na área que nós trabalhamos, a tecnologia modifica-se muito rapidamente, então os profissionais têm que se qualificar, buscar as novas tecnologias e metodologias”*.

Isto porque, as mudanças e as exigências do contexto social, refletem no contexto do trabalho o que acaba tensionando na atividade do profissional que deverá estar sempre na busca de uma melhor

qualificação. Como afirma Cunha<sup>68</sup>, é inequívoca a necessidade de aprendizagem permanente para o professor, assim como para qualquer profissional. Entretanto, é fundamental que essa condição parta do reconhecimento do docente (ou outro profissional) como um produtor de saberes, sendo sujeito das suas próprias aprendizagens, que precisa viver, valorizar e partilhar experiências, ligando-as a uma produção de sentidos. Entretanto, cabe ressaltar alguns questionamentos sobre esta qualificação: para quê e para quem irá servir? E, esta qualificação dará algum retorno para a comunidade?

Da mesma forma, na análise vai se evidenciando nos relatos dos interlocutores a importância da pesquisa, ou melhor, do profissional pesquisador, pois abordam como mais uma ferramenta para a qualidade dos processos de trabalho. É nesta perspectiva que os dados estão sendo analisados, ressaltando estas questões como fundamentais na formação do profissional, entretanto, percebemos ainda algumas dificuldades que se apresentam na relação entre a formação do profissional, o trabalho e sua inserção social, como também, o próprio distanciamento da Universidade com as reais necessidades do trabalho e o contexto social.

Contudo, sabemos que a sociedade valoriza fortemente a educação superior, embora a falta desta formação, não se constitua, de fato, em uma barreira à inserção no mercado de trabalho. Em contrapartida, as demandas e os tencionamentos que recaem sobre a Universidade, também, exercem um movimento significativo de reformulações e mudanças em seu currículo e suas práticas.

## **Referências**

- ARROYO, Miguel. Pedagogia das Relações de Trabalho. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, nº 2, p. 61-67, ago./dez. 1997.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: 2009.
- CUNHA, Maria Isabel da Aprendizagem ao longo da vida e avaliação do desempenho profissional. **2º Congresso Internacional de Avaliação Educacional**, Universidade do Minho, Braga, Portugal, novembro de 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

---

<sup>68</sup> Texto produzido para a Conferência realizada no II Congresso Internacional de Avaliação em Educação, realizado em Braga, Portugal, em novembro de 2010.



KUENZER, Acácia Zeneida. Educação profissional: categorias para uma nova pedagogia do trabalho. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 19-29, maio/ago. 1999.

RIOS, Teresinha. **O gesto do professor ensina**. Disponível no site [http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/25/3/D04\\_O\\_Gesto\\_do\\_ProfessorEnsinna.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/25/3/D04_O_Gesto_do_ProfessorEnsinna.pdf). Acesso em 2 de abril de 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004. Disponível no site: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>. Acesso em 20 de março de 2011

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade do Século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

## 7.25.

### **Título:**

**Programa Reuni e a democratização do ensino superior: a experiência da Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Curitibanos**

### **Autor/a (es/as):**

Peixer, Zilma Isabel [UFSC/Curitibanos]

Geremias, Reginaldo [UFSC/Curitibanos]

Budziak, Dilma [UFSC/Curitibanos]

Stolberg, Joni [UFSC/Curitibanos]

### **Resumo:**

Em abril de 2007 é criado no Brasil o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O Programa tem como principais objetivos a ampliação do acesso e da permanência dos jovens na universidade, o aumento da eficiência do sistema nacional de ensino, bem como a ampliação da oferta de cursos e seus ajustes às necessidades do país. Em Santa Catarina, o REUNI foi responsável pela ampliação e expansão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e criação de mais uma universidade, a Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS). Santa Catarina, diferente de outros estados da federação, até 2007 teve somente a UFSC como universidade federal, sendo criada em 1960 e